

SHEILA DE OLIVEIRA PEREIRA

AS JORNALISTAS PRESENTES NO DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL

Artigo apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Lunde Braghini Junior – Mestre

Brasília
2010



Artigo de autoria de Sheila de Oliveira Pereira, intitulado “**AS JORNALISTAS PRESENTES NO DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL**”, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, em (data da aprovação), defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Mestre Lunde Braghini Junior (orientador)
Comunicação Social – UCB

Prof. Doutor Joadir Antonio Foresti
Comunicação Social – UCB

Prof. Mestre André Luis Carvalho
Comunicação Social – UCB

Brasília
2010

A todas as mulheres que desafiaram o destino: índias, negras, brancas, nordestinas, intelectuais e analfabetas. Brasileiras que viveram e lutaram por um país mais justo e humano, e para tantas outras que continuam este capítulo da história. À Maria das Mercês pelo exemplo de determinação, coragem e força.

AGRADECIMENTO

Ao professor Lunde Braghini pela paciência e apoio, além do incentivo psicológico para progredir nesta caminhada. Aos colegas do curso de Comunicação Social pelas idéias e soluções inovadoras para aprovação deste projeto.

“Não sei... Se a vida é curta ou longa demais pra nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas”.

Cora Coralina

AS JORNALISTAS PRESENTES NO DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL

SHEILA DE OLIVEIRA PEREIRA

Resumo:

A história da imprensa tem sido contada de um ponto de vista predominantemente masculino, que obscurece os registros da atuação jornalística da mulher. A proposta deste artigo é resgatar a trajetória histórica das mulheres na imprensa escrita brasileira desde o século XIX, quando surge oficialmente no Brasil o jornalismo escrito. A pesquisa foi realizada a partir de uma análise de conteúdo dos registros de atuação feminina na imprensa presentes no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Por meio do levantamento é possível perceber algumas peculiaridades quanto ao trabalho da mulher no jornalismo, como os assuntos tratados por elas e, também, os cargos alcançados em dois séculos de imprensa escrita brasileira.

Palavras-chave: Mulher, imprensa, jornal impresso, repórter.

Introdução

Os periódicos que inauguram a imprensa brasileira eram produzidos e dirigidos por homens, como o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito da Costa diretamente de Londres, onde vivia exilado. Havia outros títulos, como a revista *O Patriota* (1813-1814), fundada e dirigida pelo polígrafo Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, o *Aurora Fluminense* (1827-1839) de Evaristo da Veiga, o *Revérbero Constitucional Fluminense* (1822), de Januário da Cunha Barbosa e o *Observador Constitucional* (1829), de Libero Badaró.

Tantos outros poderiam ser citados aqui, mas o que de fato importa é a comprovação de que o surgimento da imprensa escrita no Brasil não contou com a participação das mulheres. A participação da mulher no jornalismo impresso brasileiro só teve início em 1820, ou seja, doze anos após a instauração da imprensa oficial. Isso se deve a transformação socioeconômica e cultural que o Brasil estava vivendo durante o século XIX, devido às mudanças que ocorriam na Europa, por causa da expansão comercial.

Nos países europeus, com a chegada da burguesia ao poder, a cultura daquela região passava por um momento intenso de transição. A leitura não era mais um privilégio e crescia entre um novo público, as mulheres, o século foi marcado pelo romance.

Mesmo sendo negado a elas qualquer tipo de educação a não ser as prendas domésticas, as mulheres obtiveram a oportunidade de ler e escrever, por meio dos livros de romance e de moral, como também, os de etiqueta e catecismo. “(...) foi a partir dessa época

que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas” (PRIORE (org.), 2008, p. 403).

Esse artigo tem por objetivo apresentar O *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* como mais uma fonte bibliográfica e de documentação sobre a passagem da mulher pela imprensa brasileira. A obra foi publicada pela primeira vez no ano 2000 pela Jorge Zahar Editor. Uma segunda edição, revisada e atualizada, foi lançada em 2001. O dicionário faz parte do *Projeto Mulher – 500 anos atrás dos panos*, cujo objetivo é resgatar e divulgar a participação das mulheres na história do Brasil. O livro representa os resultados de uma vasta pesquisa, iniciada em 1997, nas mais variadas áreas do conhecimento, sobre a atuação da mulher no desenvolvimento do país. O estudo surgiu da parceria entre a Organização Não Governamental (ONG) Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh) e a Arte Sem Fronteiras com o apoio da Fundação Ford.

A pesquisa foi coordenada por Hildete Pereira de Melo, doutora em economia e então gerente de Projeto de Educação e Ciência na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, e Teresa Cristina de Novaes Marques, doutora em História e professora da Universidade de Brasília. Os textos foram redigidos e organizados por Schuma Schumacher, pedagoga e coordenadora da ONG Rede de Desenvolvimento Humano, integrante do Movimento Feminista desde 1978, e Érico Vital Brazil, coordenador da Arte Sem Fronteiras, e então diretor de projetos da Casa Vital Brazil – associação civil sem fins lucrativos, fundada em 1984, responsável pela administração e conservação do museu Casa de Vital Brazil.¹

O trabalho de investigação foi desenvolvido por uma equipe de mais de 50 pesquisadores, entre colaboradores e comitê consultivo. Para o levantamento dos dados biográficos, os estudiosos percorreram bibliotecas e arquivos públicos das principais capitais do Brasil, como Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Florianópolis, Goiânia, João Pessoa, Natal, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro – região que concentra maior parte dos documentos históricos do país. A consulta também se estendeu a Portugal, França e Holanda.

¹ Vital Brazil (1865-1950) foi importante médico sanitariano, conhecido mundialmente pela descoberta de soros antiofídicos para o tratamento de picadas de aranha e escorpião. Criou o Instituto Butantan, em São Paulo, com o objetivo de que no local funcionasse um laboratório para a produção de vacinas.

O estudo implicou a investigação da bibliografia da história de gênero nacional e internacional, além de consulta a obras de autores consagrados sobre a história do Brasil e a biografias já publicadas no país, a busca em arquivos oficiais presentes no Arquivo Nacional, a pesquisa em publicações específicas voltadas para o universo feminino, como jornais e revistas, assim como levantamento dos documentos presentes no arquivo do Centro Pagu.²

Durante o processo de pesquisa, a equipe contou com a colaboração de parentes e familiares que disponibilizaram o acesso a arquivos e documentos privados das biografadas. Os pesquisadores examinaram também a produção acadêmica da história social brasileira, além de entrevistas realizadas (não-gravadas) com as mulheres que fariam parte da obra.

O critério utilizado para a escolha dos nomes que compõem o dicionário foi a importância da trajetória pessoal e profissional da mulher, e sua contribuição para a transformação social do país. A capacidade de representar a condição feminina em seu tempo e na sociedade em que viveu foi outro quesito avaliado pelos estudiosos.

Períodos

A pesquisa abrange a história de mulheres desde o descobrimento do Brasil, 1500, a 1975, quando é inaugurado uma nova fase do movimento feminista no país. Dessa forma, o dicionário é organizado em dois períodos, de 1500 a 1890 e de 1890 a 1975. As personalidades biografadas são classificadas em três categorias raciais, a mulher indígena, negra e branca.

Essa metodologia foi discutida e aprovada por toda equipe que compôs o projeto e pelos membros do conselho consultivo, formado por sociólogos, antropólogos, historiadores, jornalistas, economistas e filósofos. Esse grupo ficou responsável pela definição dos nomes das personagens que iriam fazer parte da obra, bem como pelo os fatos mais importantes da vida dessas mulheres que seriam divulgados pelo dicionário.

² Acervo que reúne mais de 3,000 arquivos originais e digitalizados sobre Patrícia Rehder Galvão, jornalista e escritora, conhecida pelo pseudônimo de Pagu. Desempenhou importante papel no movimento modernista, iniciado em 1922. O Centro Pagu está localizado na Universidade Santa Cecília, em Santos-SP. Inaugurado em 2005, pela professora e pesquisadora Lúcia Maria, o centro foi criado no intuito de divulgar a memória e trabalho de Pagu.

O marco inicial do trabalho de pesquisa teve início antes mesmo da chegada dos portugueses em terras tupiniquins,³ com a história da mulher indígena. As únicas fontes disponíveis para o levantamento do estudo, no entanto, estão restritas aos relatos dos conquistadores. História das primeiras brasileiras vítimas de abuso e exploração sexual, sobretudo do trabalho escravo, sendo renegadas pela história oficial do Brasil. Segundo Schumacher e Brazil, “(...) as índias representam o elemento oculto, anônimo, que participou, involuntariamente, da construção do Brasil. A maioria dos contemporâneos omitiu seus nomes, ignorou sua história e tratou-as como seres não-humanos” (2001, p. 14).

Para selecionar o nome dessas mulheres, inseridas no período colonial, levou-se em consideração a importância delas como intermediadoras entre os interesses indígenas e dos portugueses. Com destaque para mulher índia que se apropriou da cultura européia, sem esquecer daquelas cujo destino foi a tortura.

O material utilizado para realizar o levantamento da importância da mulher negra na história do Brasil foi a pesquisa acadêmica. Por meio dessa fonte foi possível descobrir a hierarquia social das negras na cultura africana, e que apesar das condições subumanas e de escravidão, conseguiram exercer posição de destaque no processo de libertação dos escravos, por meio de rebeliões e fugas. Ou por exercer a figura de divindade entre a população negra, como mães-de-santo ou benzedadeiras.

O dicionário biográfico destaca, ainda, a atuação de negras que se fizeram heroínas por suas atitudes desesperadas, como assassinatos ou suicídio. E por último, as negras que se destacaram em áreas intelectuais, prioritariamente desenvolvidas pela população branca e masculina, como arte, literatura e política. A mulher branca foi estudada pelos pesquisadores, de acordo com a classe social que ocupava, além da capacidade de transgressão e iniciativa em campos de atuação masculina. Nessa categoria, foram incluídas mulheres que se destacaram por sua religiosidade, tanto por seu aspecto simbólico de figura mítica como pelo sofrimento imposto pelo cristianismo e colocado em prática por meio da Inquisição.

A partir do ano de 1890, o estudo da equipe do *Projeto Mulher 500 anos – atrás dos panos* constata que a diversidade racial e de etnias passa a ser quase despercebida, prevalecendo a atuação da mulher em campos predominantemente masculinos, como o jornalismo.

³ A expressão tupiniquim é uma metonímia – figura de linguagem que consiste no emprego de um termo por outro, devido semelhança e associação entre eles – de Brasil.

É nessa época que as brasileiras têm acesso à educação, ao voto e aos cargos públicos eletivos. Sendo assim, o dicionário retratou a vida de mulheres que se destacaram por seu talento, pioneirismo e luta política.

Verbetes

O *Dicionário Mulheres do Brasil* reúne em 567 páginas, 809 verbetes biográficos e temáticos, sendo que 794 são nomes de personagens e os outros 15 se refere a eventos, entidades, instituições e associações que estão diretamente relacionados à história da mulher brasileira. As biografias foram classificadas por ordem alfabética do pré-nome, não sendo necessariamente o nome de batismo, como, por exemplo, a jornalista Patrícia Galvão, conhecida como Pagu.

Os verbetes estão organizados da seguinte forma: nome e ano de nascimento e morte (em negrito). Ou ainda, período em que viveu, quando não há o registro preciso, seguido pela profissão ou fato de vida relevante pelo qual a personagem ficou conhecida, por exemplo: Luísa (séc. XVII) – índia, vítima de doença sexualmente transmissível. Ao final do texto está a citação da fonte que serviu de referência para a redação da biografia.

A obra apresenta 261 imagens reproduzidas, em preto e branco, de documentos, fotos e pinturas que retratam a identidade das mulheres que compõem o livro. O material utilizado como registro iconográfico está presente em 43 páginas, e foram inseridos ao longo dos textos. Para agrupar todo esse material, a equipe de pesquisa, formada por 50 pessoas, entre colaboradores, assistentes e auxiliares, consultou 595 fontes bibliográficas, como livros, periódicos, acervos de museus nacionais e internacionais, documentos oficiais e pessoais das personagens, além de artigos de produção acadêmica.

Feminismo

O livro destaca a reorganização do movimento feminista nacional motivado pela I Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, ocorrida em 1975, na Cidade do México. O evento reconheceu direitos que modificaram a história da mulher na sociedade, como a integridade física e autonomia sobre o próprio corpo, decretando o período de 1975-1985 como a “Década da Mulher”.

A obra retrata esse importante acontecimento no verbete – *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* (FBPF), entidade civil criada em 1922 no Rio de Janeiro, por um grupo

de mulheres de classe média e com alto grau de instrução, e que conheciam as ações empreendidas pelos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos.

A história e importância da FBPF como parte da história da mulher brasileira está presente em 10 páginas do dicionário. Outro destaque da publicação para o movimento feminista no Brasil são as notas: *Federação de Mulheres do Brasil* e *Feminismo pós-1975*, este último descrito como a “segunda onda feminista no Brasil”.

As jornalistas presentes no dicionário

Num universo de 794 nomes de mulheres que desempenharam papel significativo na história do Brasil, segundo o dicionário, é possível identificar 46 personagens tiveram passagem pela imprensa, ou seja, escreveram artigos, contos, poesias e outros tipos de textos que compunham as publicações da época. No entanto, dessas 46 mulheres agrupadas pelo levantamento, apenas 29 são classificadas como jornalistas, equivalente a 3% do total de 794 personalidades. Do universo de 29 jornalistas, 27 delas têm em sua biografia a menção de pelo menos uma publicação no qual trabalhava ou colaborava esporadicamente, o equivalente a 93% mulheres. Francisca Pereira Rodrigues, mais conhecida como Chiquinha Rodrigues, não teve em sua biografia nenhuma citação referente ao seu trabalho como jornalista, apesar de classificada como tal.

O quadro seguinte reúne o nome das 45 mulheres que tiveram passagem pela imprensa, sendo destacado em itálico o nome das mulheres, e a classificação de jornalista para aquelas que foram qualificadas desta forma, segundo o dicionário:

Jornalista	Período em que viveu	Classificação	Veículo (s) em que trabalhou
<i>Abigail Soares de Sousa</i>	1890 - ?	Educadora e jornalista	Gazeta de Leopoldina, O País e Jornal do Brasil
<i>Adalgisa Néry</i>	1905 - 1980	Escritora, jornalista e política	O Jornal, Dom Casmurro, Revista da Semana e Última Hora
<i>Adalzira Bittencourt</i>	1904 - 1976	Advogada, escritora e feminista	Jornal Misótis*
<i>Adélia de Oliveira Rosa</i>	1908 - ?	Jornalista	Jornal do Commercio
<i>Adélia Josefina de Castro Fonseca</i>	1827 - 1920	Poetisa	Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, Gazeta de Notícias, Semana Ilustrada, O Domingo, A Época Literária e Correio de Vitória
<i>Albertina A. Diniz</i>	séc. XIX	Jornalista e educadora	O Sexo Feminino e Almanaque das Senhoras
<i>Albertina Correia Lima</i>	1889 - ?	Sufragista,	O Correio da Manhã, O Jornal e O

		advogada e jornalista	Sexo Feminino
<i>Amélia Carolina da Silva Couto</i>	séc. XIX	Jornalista e feminista	Eco das Damas*
<i>Amélia Rodrigues</i>	1861 - 1926	Escritora, jornalista e educadora	A Paladina*, A Voz*, O Pantheon, O Álbum, A Renascença e O Livro
Ana Cristina César	1952 - 1983	Poetisa e tradutora	Tribuna da Imprensa, Opinião, Correio Braziliense e Jornal do Brasil
Ana Montenegro	1915 - ?	Feminista, advogada, escritora e ativista política	O Momento, Seiva, Momento Feminino, revistas Problemas e Estudos Sociais e Mulheres do Mundo Inteiro. Além da rádio Mayrink Veiga
Andradina de Oliveira	1864 - 1935	Educadora, escritora e feminista	Escrínio
Carmem Dolores	1852 - 1910	Escritora	O País, Correio da Manhã e Tribuna
<i>Carmen da Silva</i>	1919 - 1985	Jornalista , escritora e feminista	Revista Cláudia
<i>Chiquinha Rodrigues</i>	1896 - 1966	Professora, jornalista e política	Não há citação de nenhum veículo
<i>Corina de Vivaldi Coaracy</i>	1858 - 1862	Jornalista e tradutora	South American Mail, revista Ilustração do Brazil, Ilustração Popular, New York Herald e o jornal Cidade do Rio
<i>Elmira Ribeiro Lima</i>	1904 - ?	Ativista política, feminista, jornalista e poetisa	Folha do Norte
<i>Elvira Gama</i>	séc. XIX	Jornalista e poetisa	O Mineiro, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, O País, A Gazetinha, Jornal do Recife, Pequeno Jornal, Diário de Pernambuco e Gazeta da Tarde
<i>Eneida</i>	1904 - 1971	Jornalista , escritora e ativista política	Revista A Semana, Revista Guajarina e Para Todos. Jornal Momento Feminino e Diário de Notícias
<i>Eugênia Moreira</i>	1898 - 1948	Jornalista , feminista e ativista política	Última Hora, A Rua, A Notícia e O País
Francisca Clotilde	1862 - 1935	Educadora, escritora e abolicionista	Jornal científico e literário A Evolução, as revistas A Quinzena, O Domingo, O Libertador e A Estrela
Francisca Isidora Gonçalves da Rocha	1855 - 1918	Jornalista , escritora e professora	Diário de Pernambuco, A Província da Cidade do Recife, A Victoria, O Phanal, O Commercio e a revista O Lyrio
Francisca Júlia da Silva	1874 - 1920	Poetisa	Revista A Semana
<i>Francisca Senhorinha da Mota Diniz</i>	séc. XIX	Escritora, educadora e jornalista	Estação, O Sexo Feminino* e A Primavera
Heloneida Studart	1932 -	Política, escritora e	O Nordeste, Correio da Manhã e a

		feminista	revista Manchete
Ivete Vargas	1927 - 1984	Política	Brasil-Portugal, Diretrizes, Radical e Folha da Manhã
<i>Joana Paula Manso de Noronha</i>	1819 - 1875	Jornalista , professora e escritora	O País e O Jornal das Senhoras*
<i>Josefina Álvares de Azevedo</i>	1851 - ?	Jornalista e feminista	A Família*
<i>Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar</i>	séc. XIX	Escritora e jornalista	Bello Sexo*
Júlia Lopes de Almeida	1862 - 1934	Escritora e feminista	A Gazeta de Campinas, Jornal do Commercio e o Jornal das Senhoras
<i>Julietta de Melo Monteiro</i>	1863 - 1928	Escritora e editora de jornal feminino	Corymbo*
<i>Júnia Marise</i>	1945 -	Senadora e jornalista	Diário de Minas e as rádios Tribuna Popular e Itatiaia
Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire	1872 - ?	Escritora	O Lyrio
Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça	1886 - ?	Escritora e sufragista	Jornal do Brasil, Fon-fon, Revista da Semana e rádio Nacional
Maria Heráclia de Azevedo	séc. XIX	Poetisa	Madressilva, A Mulher, Myosotis e O Progresso
<i>Maria Sabina</i>	1898 - 1991	Declamadora, feminista e jornalista	Não há citação de nenhum veículo
<i>Niomar Muniz Sodré</i>	1916 - ?	Jornalista e empresária	Correio da Manhã
<i>Orminda Ribeiro Bastos</i>	1899 - 1971	Feminista e jornalista	Folha do Norte
<i>Pagu</i>	1910 - 1962	Poetisa, jornalista e ativista política	Jornal do Brás, Revista da Antropofagia, Vanguarda Socialista e A Tribuna
Presciliana Duarte de Almeida	1867 - 1944	Escritora e feminista	A Mensageira, O Colibri, A Família e Imprensa Liberal
<i>Revocata Heloísa de Melo</i>	1862 - 1944	Escritora, editora e abolicionista	Revista Corymbo*, revista O Contemporâneo, revista A Ventarola, revista literária Violeta e Diário de Pelotas
<i>Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti</i>	1900 - 1975	Poetisa e jornalista	Revista Fon-Fon, Careta e Diários Associados
<i>Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco</i>	1816 - 1874	Pioneira no jornalismo	O Jornal das Senhoras e O Domingo*
<i>Virgilina de Sousa Sales</i>	? - 1918	Jornalista e editora de revista feminina	Revista Feminina*
<i>Zuleika Alambert</i>	1922 -	Política, feminista e jornalista	Não há citação de nenhum veículo

- I. **Asterisco (*)**: O uso do símbolo após o nome do veículo indica que a personagem fundou a publicação
- II. **Interrogação (?)**: O uso do símbolo na coluna ‘Período em que viveu’ corresponde a falta de informação precisa quanto ao ano de nascimento ou morte das mulheres biografadas pela obra.

Dezenove jornalistas viveram no século XIX, período marcado pela inauguração oficial da imprensa escrita brasileira. De acordo com levantamento realizado nos verbetes desta obra, para realização deste artigo científico, a mais velha de todas essas jornalistas nasceu em 1816 no estado de São Paulo, Virgilina de Sousa Sales. Júnia Marise de Azeredo Coutinho é considerada a jornalista mais nova, atualmente tem 65 anos, segundo informações do dicionário. Atuante, também, na vida política, sendo eleita como senadora em 1990, por Minas Gerais, e considerada a segunda mulher do Brasil a ocupar uma cadeira na casa legislativa federal.

Dez mulheres, citadas pelo dicionário, atuaram como jornalistas no século XX, período marcado por grandes transformações sociais, políticas, e, sobretudo, pelas mudanças no processo jornalístico, ou seja, a inserção das mídias eletrônicas, como o rádio e a televisão.

A maioria delas é oriunda da região Sudeste, 17 no total de 29 jornalistas. Sendo oito de Minas Gerais, cinco do Rio de Janeiro, e quatro do estado de São Paulo. O Nordeste foi representado por quatro jornalistas, três da Bahia e uma de Pernambuco. A região Norte contou com a presença de três biografadas, duas jornalistas do estado do Amazonas e uma do Pará. O Sul teve o registro de duas repórteres, nascidas no Rio Grande do Sul.

Duas mulheres classificadas como jornalistas não são nascidas no Brasil: Joana Paula Manso de Noronha, natural da Argentina, e Corina de Vivaldi Coaracy, dos Estados Unidos. Apenas Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar não teve o estado e ano de seu nascimento citado, sabe-se apenas que viveu no século XIX.

Oito biografadas têm sua trajetória associada ao feminismo, sendo classificadas como jornalista e feminista. São elas: Josefina Álvares de Azevedo, Eugênia Moreira, Maria Sabina, Orminda Ribeiro Bastos, Elmira Ribeiro Lima, Carmen da Silva, Zuleika Alambert e Amélia Carolina da Silva Couto. Atuaram como feministas por meio do seu trabalho como jornalistas, redigindo artigos ou fundando publicações jornalísticas que incitava a emancipação da mulher na sociedade brasileira, ou ainda, participando ativamente de entidades e fundações que defendiam e lutavam pelos os direitos das mulheres.

Veículos

Pelo menos um veículo jornalístico é citado na biografia das mulheres classificadas como jornalistas, com exceção de Chiquinha Rodrigues, Maria Sabina e Zuleika Alambert que não tiveram em seu texto, nenhuma referência do tipo. Ao todo foram encontradas na obra 55 nomes de publicações, sendo elas: *Jornal das Senhoras*, *O Domingo*, *O País*, *A*

Família, Diário de Pernambuco, A Província da Cidade do Recife, A Victoria, O Phanal, O Commercio, jornal Cidade do Rio, A Voz, O Corymbo, Última Hora, A Rua, A Notícia, Correio da Manhã, O Jornal, O Sexo Feminino, Gazeta de Leopoldina, Jornal do Brasil, Folha do Norte, Jornal Momento Feminino, Diário de Notícias, Dom Casmurro, Jornal do Commercio, Jornal do Brás, A Tribuna, Diário de Minas, jornal Almanaque das Senhoras, Jornal Echo das Damas, O Mineiro, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, A Gazetinha, Jornal do Recife, Pequeno Jornal, Diário de Pernambuco, Gazeta da Tarde, A Estação e o Ilustração Popular. Além das revistas: *O Livro, A Primavera, Bello Sexo, New York Herald, South American Mail, Antropofagia, Vanguarda Socialista, O Lyrio, Ilustração do Brazil, O Pantheon, O Álbum, A Renascença, A Semana, Revista Cláudia, Revista Feminina e A Paladina.*

Dentre os periódicos citados acima, 13 veículos podem ser identificados como dedicados ao público feminino e produzido por mulheres jornalistas:

- **Jornal das Senhoras:** publicação ilustrada e que trazia como conteúdo: moda, literatura e críticas de peças teatrais. Fundado por Violante Ataliba Ximenes, considerada por alguns autores como a primeira jornalista brasileira, e Joana Paulo Manso de Noronha. Segundo Dulcília Buitoni, autora do livro *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, “o Jornal das Senhoras parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação” (BUITONI, 2009, p. 40). Circulou no estado do Rio de Janeiro de 1852 a 1855.

- **Jornal Bello Sexo:** periódico religioso e de instrução feminina, fundado em 1862 por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, que era quem escrevia os textos do jornal. A redatora-chefe não gostava de textos anônimos, Júlia de Albuquerque desejava dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres.

- **Jornal Almanaque das Senhoras:** publicação portuguesa fundada por Guiomar Torrezão em 1871 e que circularou até meados de 1928. Teve colaboração da jornalista brasileira, Albertina Diniz. O objetivo da revista era incentivar a educação da mulher como meio de firmar sua posição na sociedade.

- **Jornal O Domingo:** assim como o *Jornal das Senhoras*, o jornal *O Domingo* teve como fundadora a jornalista Violante Ataliba Ximenes, e foi publicado por apenas dois anos (1873-1875). O periódico era voltado para as mulheres, divulgando textos literários, cartas de amor e sonetos, além dos artigos dedicados à moda (BUITONI, 2009, p. 41). O veículo contou com a colaboração de Adélia Josefina de Castro Fonseca, poetisa; e Francisca Clotilde, escritora, educadora e abolicionista. Ambas estão presentes no dicionário *Mulheres do Brasil*.

- **Jornal O Sexo Feminino:** a publicação que circulou entre 1875 e 1890 foi fundada e redigida por uma mulher, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, classificada pelo dicionário *Mulheres do Brasil*, como educadora, escritora e jornalista. O veículo divulgava matérias comprometidas com os interesses da mulher, como a igualdade de direitos. “O Sexo Feminino, também semanal, continha informações sobre literatura e amenidades, acrescidos de temas polêmicos como a abolição da escravatura, o voto feminino e o movimento feminista (...)” (SCHUMACHER; BRAZIL (Org.). 2001, p. 246). A jornalista e educadora, Albertina A. Diniz, filha de Francisca Senhorinha, também contribuía com a redação dos textos, sendo a maioria deles sobre abolição dos escravos.

- **Jornal Echo das Damas:** fundado, controlado e produzido por e para mulheres. O jornal Echo das Damas publicava artigos voltados para o interesse da mulher. Amélia Carolina da Silva Couto, jornalista e feminista, era responsável pelo funcionamento do veículo, atuando como diretora, editora e redatora. Era ela que cuidava pessoalmente das contas e conteúdo do jornal. Já em 1879, o Echo das Damas inovou no conceito de publicidade, destinando espaços para anúncios comerciais (SCHUMACHER; BRAZIL (Org.). 2001, p. 44).

- **Jornal A Estação:** publicação ilustrada dedicada à mulher continha, também, uma parte literária. “(...) uma revista de modas com figurinos e bordados” (BUITONI, 2009, p. 42). Circulou comercialmente entre 1879 e 1904, e contou com a colaboração de Francisca Senhorinha da Mota Diniz e de Júlia Lopes de Almeida, sendo esta última classificada pelo dicionário, como escritora e feminista.

- **Revista A Primavera:** publicação semanária fundada pela jornalista Francisca Senhorinha da Mota Diniz em 1880, e redigida com ajuda de sua filha, Albertina Diniz. A Primavera circulou no estado do Rio de Janeiro.

- **Jornal O Corymbo:** fundado pelas irmãs gaúchas Revocata de Mello e Julieta de Mello Monteiro, esta última intitulada pela obra *Mulheres do Brasil* como editora de jornal feminino, O Corymbo teve longo período de circulação, 60 anos (1883-1943), porém com algumas interrupções. Uma façanha para os veículos que surgiam naquela época. A notícia não era o carro chefe desse empreendimento, mas sim a divulgação da literatura e poesia produzidas por mulheres que se dedicavam às letras, desempenhando importante papel para a difusão da literatura no Rio Grande do Sul, onde circulou. Foi considerado o primeiro órgão literário da imprensa feminina no sul do país, de acordo com o *Dicionário Mulheres do Brasil* (SCHUMACHER; BRAZIL (Org.), 2001, p. 308).

- **Jornal A Família:** exemplo de publicação dedicada ao movimento feminista. A Família pregava os direitos e emancipação da mulher através de seus artigos de gêneros e críticas à

sociedade e ao governo. “(...) tornou-se um veículo de propaganda do direito ao voto feminino (...)” (SCHUMAHER; BRAZIL (Org.), 2001, p. 301). O veículo contou com a colaboração de importantes ativistas feministas da 1ª fase do movimento no Brasil, sendo fundado em 1888 por Josefina Álvares de Azevedo, jornalista e feminista (irmã por parte do pai do poeta Álvares de Azevedo). Circulou durante oito anos sem nenhuma interrupção (1889-1897).

- **Revista A Paladina:** fundada pela baiana Amélia Rodrigues, escritora, jornalista e educadora, segundo o dicionário *Mulheres do Brasil*, a revista A Paladina nasceu em 1910 e durou sete anos (1917). A publicação reunia textos de mulheres das diversas classes sociais da região, escritoras da classe alta, e também, autoras instruídas da classe média pobre de Salvador. A temática era voltada para instrução do casamento civil e para importância da educação formal da mulher, de acordo com o artigo *Modos de Ser Femininos, Relações de Gênero e Sociabilidades no Brasil*, da autora Márcia Maria da Silva Barreiros Leite - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

- **Revista O Lyrio:** circulou entre 1902 e 1904 no estado de Pernambuco. A publicação era voltada para o público feminino e defendia a educação da mulher como meio de transformação da sociedade. Teve como colaboradoras: Francisca Isidora Gonçalves da Rocha, jornalista, professora e escritora, além de Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire, escritora, de acordo com classificação do dicionário *Mulheres do Brasil*.

- **Revista Feminina:** considerada a primeira publicação comercial feminina do Brasil, circulou entre os anos 1914 e 1927. O periódico surgiu inicialmente intitulado como A Luta Moderna, em 1915 mudou o nome para Revista Feminina, sendo publicada mensalmente, e foi fundada pela jornalista Virgilina de Sousa Sales. “No final de 1916, esta revista já com cem páginas, tinha cerca de duzentas ilustrações e artigos assinados (...)” (SCHUMAHER; BRAZIL (Org.). 2001, p. 523).

- **Jornal Momento Feminino:** apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Momento Feminino surgiu em 1947 sob o comando de Arcelina Mochel, importante militante política. O veículo seguia a orientação política do partido e publicava artigos com críticas severas ao governo. A paraense Eneida Vilas Boas Costa, ou simplesmente, Eneida, considerada a primeira repórter do Brasil, segundo a publicação que está sendo usada nessa pesquisa, participou ativamente na redação dos textos jornalísticos para o periódico. Em 1949 com a criação da Federação das Mulheres do Brasil, o PCB assume definitivamente a organização do jornal Momento Feminino, segundo o artigo *Gênero e política: a questão feminina no interior do Partido Comunista Brasileiro*, de Betzaida Mata Machado Tavares, mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em toda obra, apenas o rádio foi citado como meio eletrônico, estando presente na trajetória de três mulheres:

- 1) Ana Montenegro atuou como cronista na *rádio Mayrink Veiga*;
- 2) Júnia Marise foi jornalista nas *rádios Tribuna Popular e Itatiaia*, da capital mineira. Segundo Schumacher e Brazil, os programas de Marise nessas emissoras tiveram uma enorme repercussão, sobretudo o quadro “Bronca do Povão”, que se tornou um dos preferidos da população, funcionando como um canal aberto de reclamações (2001, p. 308);
- 3) Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça trabalhou nas emissoras de *rádio Nacional, Sociedade e Jornal do Brasil*, onde fazia o programa “Quartos de hora literários” (SCHUMACHER; BRAZIL (Org.), 2001, p. 389).

Quem foram essas mulheres?

Das 794 mulheres citadas no dicionário 45 apresentaram em sua biografia vínculo, seja por meio de trabalho ou colaboração, com as publicações e veículos que existiam na época em que viveram. Desse total, 29 foram classificadas como jornalistas, sendo que as 16 restantes foram qualificadas como: escritoras (12), ou ainda como políticas ou ativistas (4), feministas (8), poetisas (4), educadoras (3), advogadas (3) e tradutora (1). Cabe ressaltar, no entanto, que uma mesma pessoa pode ter sido classificada por mais de uma profissão.

As funções desempenhadas por elas e as posições que ocuparam e alcançaram na imprensa não se limitaram à atividade estrita de escrever. Onze mulheres foram identificadas como fundadoras e diretoras de periódicos, caso de Adalzira Bittencourt e o seu jornal *Misótis*; de Amélia Carolina da Silva Couto e o jornal *Echo das Damas*; de Amélia Rodrigues que, com uma editoria só de mulheres, fundou a revista *A Paladina* e o periódico *A Voz*; de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, responsável pelo semanário *O Sexo Feminino*; de Joana Paula Manso de Noronha e *O Jornal das Senhoras*; de Josefina Álvares de Azevedo e o jornal *A Família*; de Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar e o periódico *Bello Sexo*; das irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, que fundaram o jornal *Corymbo*; de Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco, que dirigiu *O Jornal das Senhoras*, após a saída de Joana Paula, e fundou *O Domingo*; e, finalmente, de Virgílica de Sousa Sales e a sua *Revista Feminina*.

Cinco personagens foram classificadas como editoras de periódicos: Ana Cristina César, editora do jornal *Beijo*, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo atuaram

nesta função no jornal *Corymbo*, Maria Heráclia de Azevedo editora do jornal *Myosotis* e Virgilina de Sousa Sales que foi responsável pela *Revista Feminina*.

Quarenta e duas mulheres tiveram em sua biografia a referência como colaboradora de periódico, ou seja, elas atuaram na imprensa por meio de textos literários, crônicas, poesias, artigos, colunas e matérias jornalísticas. A exceção se aplica a Chiquinha Rodrigues, Maria Sabina e Zuleika Alambert, mas ainda assim classificadas como jornalistas, segundo o dicionário *Mulheres do Brasil*.

Somente Eugênia Álvaro Moreira foi intitulada repórter, pois de acordo com o *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, citado como fonte de referência para o verbete presente no livro *Mulheres do Brasil*, Eugênia é considerada a primeira repórter mulher do país. “Sua primeira reportagem foi publicada na primeira página no jornal *Última Hora*, de Olegário Mariano e Cásper Líbero (...)” (SCHUMAHER; BRAZIL (Org.), 2001, p. 209). Atuou também nos jornais *A Notícia* e *O País*.

Conclusão

Essa pesquisa teve o intuito de apresentar o *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* como mais uma fonte bibliográfica e de documentação sobre a passagem da mulher pela imprensa brasileira, sendo o estudo diretamente relacionado à questão de gênero dentro da comunicação social.

O exercício de levantamento de dados permitiu, além de identificar jornalistas citadas na obra, atentar para trabalhos que destacam a existência de outras, excluídas do dicionário. É o caso de *A gaúcha Maria Josefa, primeira jornalista brasileira*, do jornalista e historiador Roberto Rossi Jung, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto fundou e editou o jornal *Bellona*, em 1833, na capital Porto Alegre, antecedendo Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco, apresentada pelo dicionário como a primeira jornalista brasileira, com base no livro *História e evolução da imprensa brasileira*, do historiador Barros Vidal. Para comprovar sua tese, Jung recorreu à pesquisa em jornais e documentos oficiais antigos. Esse exemplo, mostra que é possível relativizar ou complementar informações contidas no dicionário.

Este artigo também destaca o nome de 55 publicações presentes na história da imprensa brasileira, sendo possível apontar 13 deles como veículos destinados exclusivamente para o público feminino. Cabe ressaltar a importância do nome das 16 mulheres que fazem parte da obra, e que não são classificadas como jornalistas no dicionário. A biografia de cada

uma delas apresenta o papel importante que desempenharam no jornalismo, como na criação de publicações, sendo que a sua atuação pode vir a ser objeto de outros estudos.

O *Dicionário Mulheres do Brasil* é uma obra significativa para o estudo de gênero e, sobretudo, para a área de comunicação social. Por outro lado, a publicação apresenta limites quanto à participação recente da mulher na imprensa, pois se concentra na biografia de pessoas que viveram e nasceram até o ano de 1975, marco da segunda fase do movimento feminista brasileiro.

Sendo assim, além da consulta ao *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, os estudos sobre a presença da mulher no jornalismo devem estender a pesquisa a trabalhos que abordam a participação feminina nas últimas décadas (1980, 1990, 2000), como o livro *Elas ocuparam as redações*, organizado por Alzira Alves de Abreu e Dora Rocha.

The journalists in the Dictionary Women of Brazil

Abstract:

The history of the press has been told in a predominantly male point of view that obscures the records of women's journalistic performance. The proposal in this article is to recover women's historical trajectory in Brazilian press since the nineteenth century, when written journalism has officially appeared in Brazil. The research was conducted from a content analysis of the records of female performance in the press which are present in the Dictionary Women of Brazil: from 1500 to the present (biographical and illustrated). The data draw attention to socioeconomic and cultural conditions of women's insertion in an area considered to be predominantly male. Through the research it is possible to notice some peculiarities about women's work in journalism, such as the subjects treated by them and also the positions they have achieved in two centuries of Brazilian press.

Keywords: Women, press, labor market, history of the communication.

Referências Bibliográficas

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (organizadores). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Modos de ser femininos, relações de gênero e sociabilidades no Brasil**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Ana_Carolina_Eiras_Coelho_Soares_12.pdf
Acesso em: 25 Jun 2010.

TAVARES, Betzaida Mata Machado. **Gênero e política: a questão feminina no interior do Partido Comunista Brasileiro**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/MPC/mpc0401.htm> . Acesso em: 25 Jun 2010.